

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PRÉ-HISTÓRIA E LINGUÍSTICA.

NUNES, João de Castro

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

NUNES, João de Castro, Pré-história e linguística. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 461-475.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Pré-história e Linguística

POR JOÃO DE CASTRO NUNES

Leitor de Português na Universidade
de Santiago de Compostela

Ao Prof. M. Fernández Rodríguez,
amigo e companheiro de estudos

A Pré-história, apesar de cientificamente ser um produto recente da mentalidade ocidental (1), move-se hoje em horizontes tão amplos que já não se conforma com a simples ordenação de materiais procedentes de pequenos círculos locais, o que se por um lado permite às ciências com ela mais directamente relacionadas, como sejam a Antropologia cultural, a Etnografia, a Etnologia e a Linguística, uma utilização cada vez mais proveitosa dos resultados das suas investigações, por outro contribui para lhes dificultar o seu acesso imediato, dado o consequente grau de especialização destes estudos, servidos por uma bibliografia extremamente rica e dispersa.

Superando tais dificuldades, têm-se no entanto registado alguns apreciáveis intentos, por parte sobretudo de linguistas e etnólogos, para se familiarizarem com o extenso panorama que a Pré-história hoje em dia nos oferece e ante cujo intensivo desenvolvimento corremos o perigo, se não de ficarmos para trás, de nos sentirmos pelo menos dia a dia mais desintegrados.

De algumas destas tentativas e possibilidades de aproveitamento pelas ciências afins, dos conhecimentos postos à sua disposição pela Arqueologia pré-his-

(1) E. Wahle *A Investigação do passado pré-histórico* (Revista de Guimarães LXI 1951 pp. 112-125) p. 114.

tórica, é meu propósito ocupar-me nesta nota da parte que apenas diz respeito aos estudos linguísticos, aproveitando o ensejo para, através da consideração de um punhado de factos e ideias gerais, insistir na contribuição que por seu turno os estudos linguísticos podem e devem ministrar à investigação da Pré-história, no sentido amplo de um passado remoto.

*

* *

Iniciados por J. Schmidt ⁽²⁾ os estudos sobre a natureza originária dos vogais de timbre *a* nas línguas indo-irânicas, estudos que por sua vez abriram o caminho a novas investigações acerca da natureza e tratamento das guturais nas diversas línguas indo-europeias, e conseqüentemente admitida, pelo menos em princípio, a doutrina de que o grupo de línguas *centum* ou ocidental representa, em relação ao grupo *satam* ou oriental, um estado de coisas mais antigo pelo que diz respeito ao primitivo sistema fonético do indo-europeu, tem-se ido dia a dia desvanecendo a hipótese de uma origem asiática para aquilo a que, desde há muito, convencionou chamar-se a *Urheimat* dos povos de língua indo-europeia, começando por outro lado a atenção dos linguistas a voltar-se gradualmente para o mundo europeu ocidental: se em 1939 F. Specht ⁽³⁾ ainda não estava longe de admitir a *Kirgisensteppes* como a «pátria primitiva» dos povos em questão, a verdade é que já em 1944 a sua opinião ⁽⁴⁾ se inclinava de preferência para uma origem centro-norte-ocidental, sendo hoje convencimento geral que ela deve definitivamente buscar-se na região da Europa limitada, ao sul, pelos Pirinéus, Maciço Central francês, médio e baixo Danúbio e, a leste, pelos Cárpatos, bacia do Vístula e costas bálticas,

⁽²⁾ *Zwei arische a-Laute und die Palatale* (KZ XXV 1881 pp. 1-179).

⁽³⁾ *Sprachliches zur Urheimat der Indogermanen* (KZ LXVI 1939 pp. 1-74).

⁽⁴⁾ *Die Ausbreitung der Indogermanen* Berlin 1944.

porquanto, segundo os resultados das investigações toponímicas de H. Krahe recentemente expostos numa notável lição inaugural proferida na Universidade de Tubinga (5), todos os hidrónimos da zona assim delimitada remontam a protótipos que deviam constituir outras tantas designações indo-europeias de cursos de água, que na qualidade de apelativos já em época histórica tinham deixado de subsistir. Com efeito, não aparece em toda esta vasta extensão territorial nenhum nome de rio pré-indo-europeu, o que por outras palavras quer dizer que liguísticamente não houve ali solução de continuidade. Já no norte da Espanha, em toda a Itália e no noroeste da Península balcânica este mesmo sistema de nomes, em consequência das invasões indo-europeias vindas do Norte (6), aparece sobreposto a um estrato mais antigo e de origens muito diferentes.

Ora postas as coisas neste pé mediante unicamente considerações de ordem linguística, vem dar-lhes grande força, se é que não um valor provativo incontestável, o simples facto, sublinhado pelo Prof. P. Kretschmer (7), de arqueològicamente não se verificar no território em questão nenhuma brusca sobreposição de culturas, como seria de esperar em caso de invasão ou imigração de um povo estranho: quer no norte da Alemanha, quer na maioria dos países nórdicos, é tal a continuidade e constância da sua evolução desde pelo menos os tempos neolíticos, que os seus respectivos povos, alguns dos quais ainda hoje vivem em condições primitivas, se podem con-

(5) *Sprachverwandtschaft im alten Europa* Heidelberg 1951.

(6) A deslocação dos indo-europeus em direcção ao sul é, de resto, arqueològicamente assinalável, quanto à Península itálica, pelos petróglifos descobertos em Val Camonica por F. Altheim *Vom Ursprung der Runen* Frankfurt 1939 e cujos motivos (o carro solar, o homem com a lança, o reno, etc.) são extraordinariamente idênticos aos representados nas gravuras rupestres do Sul da Suécia.

(7) *Sprache* p. 65, artigo incluído no tomo I da *Einführung in die Altertumswissenschaft* Leipzig 1927, de A. Gercke-E. Norden.

siderar os continuadores directos de um passado pré-histórico.

Perante uma tal convergência e conjugação de factos, pode finalmente dar-se por aclarado este complexo problema que, por caminhos isolados, nem a Arqueologia pré-histórica (cf., por exemplo, W. Schulze *Die Indogermanen in der Vorgeschichtsforschung*: KZ LXIII 1936 pp. 184-198), nem as investigações de natureza meramente linguística (cf. J. Vendryès *Las lenguas indoeuropeas* trad. esp. Buenos Aires 1946 p. 5) foram até agora capazes de resolver sem deixar a desejar.

Igualmente foi a verificação arqueológica da passagem dos Proto-latinos pelos *palafitti* da Suíça e *terramare* da Itália setentrional que levou, por exemplo, G. Bonfante ⁽⁸⁾ a formular a hipótese de palavras como *pāgus*, *pons*, *portus*, etc. constituírem outros tantos prováveis testemunhos linguísticos de uma civilização lacustre, palavras a que por sua vez G. Dumézil ⁽⁹⁾ acrescentou *līmen* e *līmes* (cf. gr. *λεῖμών*, *λίμνη*, etc.). E foi ainda a partir do conhecimento de antigos contactos entre finlandeses e germanos ⁽¹⁰⁾ que se pôs o problema ⁽¹¹⁾ de ser de origem germânica um apreciável contingente de palavras finlandesas ⁽¹²⁾.

Também sem a lição da Pré-história e do que ela, juntamente com a Etnologia, nos permite pensar da mentalidade dos povos antigos e, bem assim, da natureza por estes atribuída a certos instrumentos líticos (cf. M. Ebert *Realexikon der Vorgeschichte*

⁽⁸⁾ *Tracce di terminologia palafitticola nel vocabolario latino?* (*Atti del R. Ist. Veneto* CXVII 1937 pp. 53-70).

⁽⁹⁾ *Jupiter, Mars, Quirinus. Essai sur la conception indo-européenne de la société et sur les origines de Rome* Paris 1941 p. 127.

⁽¹⁰⁾ T. E. Karsten *Die alten nordischen und germanischen Völkerbeziehungen Finnlands im Lichte der neueren Forschung. Eine Übersicht der Hauptergebnisse* Helsingfors 1941.

⁽¹¹⁾ Idem *Über die Archäologie als Hilfsquelle für germanisch-finnische Lehnwortforschung* Helsingfors 1941.

⁽¹²⁾ Idem *Finnar och germaner. Folk- och kulturberöringar från tre årtusenden* Helsingfors 1943.

s. u. *Donnerkeil* t. II 1925 pp. 444-7 Hammarstedt), dificilmente poderíamos hoje compreender a relação existente entre uma forma i.-e. *k e r u - s, cuja significação parece ter sido a de «alabarda» ou «punhal de sílex» (cf., efectivamente, alb. *ther* imper. «degola», toc. A *kāryap*, B *karep* «chaga», gót. *hairus* «espada», etc.), e a palavra grega *ῥεσσανός* «raio», inicialmente «pedra de raio» (cf. J. Pokorny *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch* fasc. 7 Bern 1953 p. 578).

Que interessante seria partir das recentes conclusões de V. Gordon Childe acerca das áreas culturais neolíticas do arco e da funda (13) para um estudo relativo à origem dos nomes com que algumas línguas indo-europeias aparecem designadas estas duas armas de arremesso que os indo-europeus desconhecera! Segundo o ilustre arqueólogo e pré-historiador inglês, a área cultural da funda, de incontestável origem mesopotâmica, ter-se-ia através da Anatólia e da ilha de Chipre estendido à Grécia, em cujo território a sua existência está desde os tempos neolíticos bastante bem documentada em contraste com a falta quase absoluta de pontas de seta (de sílex ou obsidiana), que só começam a aparecer em quantidade significativa a partir da Época do Bronze, inferindo-se daqui uma introdução relativamente recente do uso do arco no território em discussão. À luz destas conclusões no campo da Arqueologia pré-histórica, voltará a impor-se com certeza a hipótese de uma origem mediterrânea para as palavras gr. *σφενδόνη*, lat. *funda*, pois a tentativa de A. Cuny (14) para, mediante a significação originária de «vendagem (de uma ferida)», as relacionar com a raiz i.-e. *bhendh- «atar» carece de todo o fundamento, uma vez que, sem insistir em dificuldades de ordem semântica (cf. G. Bonfante *Emerita* IV 1936 p. 295), se dá o caso de tal arma não ter sido conhe-

(13) *The significance of the sling for Greek Prehistory* London 1951.

(14) *Lat. funda, gr. σφενδόνη* (B S L XXXVII 1936 pp. 1-6).

cida, ao que parece, dos indo-europeus. No tocante ao arco, que de resto « n'este pas l'arme aristocratique » (A. Ernoute-A Meillet *Dictionnaire étymol. de la langue latine* Paris 1951 p. 79) e cuja área cultural caracteriza essencialmente o Egipto e os territórios ocidentais, onde a antiguidade do seu uso está abonada pelas pinturas rupestres do Levante espanhol, nada tem de estranho que, dentro dos factos apontados, a sua designação em latim (*arcus*) só apresente correspondências em duas outras línguas indo-europeias, ocidentais precisamente: isl. ant. *or* e ingl. ant. *eahr* « flecha ».

E que dizer, por exemplo, da expressão vocabular relativa à ideia de « moer », sem conhecermos bem a origem e evolução da « mó » ao longo dos tempos pré-históricos? Na verdade, só tendo em conta, de acordo aliás com uma realidade ainda viva entre os primitivos actuais, que na sua origem o processo de reduzir os cereais a farinha consistia em os pisar, é que poderemos entrever com suficiente clareza a razão porque a mesma raiz (* m e l -) que na maioria das línguas indo-europeias serviu para exprimir a ideia técnica de « moer », se encontra em formas isoladas do gótico, do arménio e do tocário traduzindo o conceito de « pisar » ou « esmagar », segundo um processo que estaria na base daqueloutro.

Problemas e factos desta natureza apresentam-se a cada passo à consideração do linguista que, para os interpretar devidamente, terá de manter um íntimo contacto com o remoto mundo material e cultural que os estudos relativos à Pré-história nos vão dia a dia ampliando e dando a conhecer melhor. Só assim serão possíveis obras para já definitivas como o recente estudo lexical de A. Salonen ⁽¹⁵⁾ acerca dos nomes do antigo carro mesopotâmico e suas peças, baseado nos textos sumério-acádicos em relação com o respectivo material arqueológico.

⁽¹⁵⁾ *Die Landfahrzeuge des alten Mesopotamien* Helsinki 1951.

*

*

*

Mas se o conhecimento de um passado mais ou menos remoto pode arrojear deveras muita luz sobre a análise dos factos linguísticos, não é também menos certo que estes, quando interpretados com bom senso, não só representam a melhor pedra de toque para aferir as deduções e conclusões da Pré-história, como ampliam consideravelmente o seu campo de trabalho, constituindo até em alguns casos o mais seguro meio de penetração nos seus domínios (16).

Cientificamente inaugurada na Alemanha por O. Schrader através duma série de artigos organizados em tomo sob o título geral de *Sprachvergleichung und Urgeschichte*, cuja terceira e última edição é de 1906-7 (Jena), a tendência para penetrar no terreno dos estudos pré-históricos mediante a consideração dos dados linguísticos está já representada por uma copiosa e apreciável bibliografia em que figuram, entre muitos outros, os nomes de A. Fick, A. Bezzenberger, H. Hirt, S. Feist, F. Hrozny, V. Georgiev, J. Friedrich, F. Specht, A. Cuny, R. Lafon, P. Fouché, G. Devoto, G. Bonfante, V. Pisani, P. Kretschmer, J. Pokorny, W. Brandenstein, H. Krahe, R. Menéndez Pidal, A. Tovar, etc. Que a aplicação do método conduz a resultados positivos prova-o, de resto, a circunstância de alguns linguistas, entre os quais A. Debrunner, G. Herbig, N. Jokl, H. Pedersen, etc., terem sido chamados a tomar parte na elaboração do monumental *Reallexikon der Vorgeschichte*, dirigido por M. Ebert e colaborado, num total de 6.154 páginas, pelos mais eminentes especialistas na matéria ao terminar o primeiro quarto de século.

(16) Com efeito, relativamente à civilização indo-europeia diz, por exemplo, G. Dumézil *Les débuts de la religion romaine (Mémoires des études latines Paris 1943 pp. 316-329)* pp. 323 que «les données archéologiques ne sont ni les seuls ni les meilleurs moyens d'accès», de maneira que «quiconque fait intervenir dans ses constructions la civilisation indo-européenne doit à quelque degré devenir linguiste».

Excelentes obras de conjunto, como o *Realexikon der indogermanischen Altertumskunde*, de O. Schrader, ou a miscelânea de estudos dedicada a H. Hirt pelo seu discípulo H. Arntz (*Germanen und Indogermanen. Volkstum, Sprache, Heimat, Kultur* Heidelberg 1936) ou, mais recentemente ainda, o tomo I da *Frühgeschichte und Sprachwissenschaft* Wien 1948 organizado por W. Brandenstein, traduzem em grande parte a eficácia desta nova orientação dos estudos linguísticos, para cujo desenvolvimento sobremaneira tem contribuído a revista *Glotta*, fundada em 1907 por P. Kretschmer e F. Skutsch e presentemente dirigida pelo glorioso mestre de Viena e pelo Prof. B. Snell, da Universidade de Hamburgo. Particularmente interessante é, por exemplo, o estudo de P. Kretschmer *Die vorgriechischen Sprach- und Volksschichten* (*Glotta* XXVIII 1940 pp. 231-278 e XXX 1943 pp. 84 ss.), em que o provector autor da já clássica *Einleitung in die Geschichte der griechischen Sprache* Göttingen 1896, ao ver que os novos achados arqueológicos lhe dão cada vez mais razão, se anima a refazer a sua obra para nos apresentar uma visão de conjunto mais ampla da Pré-história grega, conjugando a lição dos factos linguísticos com as conclusões de S. Fuchs⁽¹⁷⁾ acerca da indo-europeização da Grécia à luz exclusivamente dos materiais arqueológicos. E não menos notável, como revelação do muito que há a esperar da Linguística quando esta, sem perder o contacto com a realidade dos textos, é aplicada à investigação do ambiente cultural de arcaicas civilizações (cf. V. Bertoldi *La parola quale testimone della storia* Napoli 1945), foi a publicação do seu recentíssimo artigo *Zu den ältesten Metallnamen* (*Glotta* XXXII 1952 pp. 1-16) dedicado ao estudo de uma das fases mais importantes e obscuras da história da cultura material do Homem: a transição da Idade da Pedra para a Idade dos Metais. Em maior ou menor grau é dentro desta orientação que, no âmbito dos últimos três lustros, devem

(17) *Die griechischen Fundgruppen der frühen Bronzezeit und ihre auswärtigen Beziehungen* Berlin 1937.

situar-se, a par dos artigos de A. Cuny *Linguistique et préhistoire. Noms de métaux en chamito-sémitique et indo-européen* (*Scritti in onore di A. Trombetti* Milano 1938 pp. 1-25), G. Devoto *Linguistica e archeologia* (*Scientia* LXIII 1938 pp. 31-39), H. Krahe *Die Vorgeschichte des Griechentums nach dem Zeugnis der Sprache* (*Die Antike* XV 1939 pp. 175-194), R. Menéndez Pidal *Sobre el substrato mediterráneo occidental* (*Zeitschrift für romanische Philologie* LIX 1939 pp. 189-206 = *Ampurias* II 1940 pp. 3-16) e *Ligures o Ambroilrios en Portugal* (*Revista da Faculdade de Letras* X 1943 pp. 5-17), E. Itkonen *Lappalaisten esihistoriaa valaisevia sanoja* (*Virittäjä* 1946 pp. 401-421), V. Bertoldi *Quisquiliae Ibericae* (*Romance Philology* I 1947-48 pp. 191-207), K. Viikuna *Vanhimmat suomalais-laavilaiset kosketukset ja suomalaisten esihistoriaa Itämeren partaalla* (*Kalevalaseuran vuosikirja* XXVII-XXVIII 1948 pp. 244-290), A. Tovar *Lingüística y arqueología sobre los pueblos primitivos de España* (*Anales de Arqueología y Etnología* VIII 1949 pp. 63-95) e *Pre-Indoeuropeans, Pre-Celts, and Celts in the Hispanic Peninsula* (*The Journal of Celtic Studies* I 1949-50 pp. 1 ss.), F. Ribezzo *La Sicilia preistorica nel quadro dell'unità linguistica mediterranea* (*Annali della Facoltà di Lettere di Palermo* I 1950 pp. 31-40), etc., as obras mais extensas de J. Pokorny *Zur Urgeschichte der Kelten und Illyrier* Halle 1938, P.-J. Gąbrys *Parenté des langues hittite et lituanienne et la préhistoire* Genève 1944, etc., norteadas estas em particular pela preocupação dominante de fixar doutrina acerca da origem e cronologia das migrações dos povos de língua indo-europeia, tendência que igualmente se encontra no espírito de algumas importantes e recentes publicações de Lingüística pura, como o *Der Ursprung der indogermanischen Deklination* Göttingen 1944, em que F. Specht «llega a grandes lejanías en la prehistoria con instrumental puramente lingüístico» (18).

(18) A. Tovar *Emerita* XIV 1946 p. 393.

De excepcional interesse para a actualização destes estudos, grandemente afectados pela situação da Alemanha a partir dos últimos anos da passada guerra, são duas conferências reunidas num pequeno volume intitulado *Die Indogermanisierung Griechenlands und Italiens* Heidelberg 1949, através de cujas 53 páginas de texto o consagrado ilirista H. Krahe, tomando por base os dados linguísticos, se propõe fazer uma exposição de conjunto da pré-história greco-italica dentro do quadro geral dos movimentos de povos indo-europeus a princípios e fins do segundo milénio antes de Cristo. Com o fim de demonstrar o relevante papel desempenhado pelos ilírios na pré- e proto-história da Grécia e da Península itálica, H. Krahe identifica-os, na sequência de anteriores investigações, com os representantes da *Urnenfelderkultur*, identificação que ele nesta pequena obra de síntese apoia no facto das manifestações de tal cultura só se verificarem nas regiões em que aparecem topónimos ilírios: onde estes faltam, tão-pouco aquelas se apresentam.

Que os estudos toponímicos são por vezes de grande auxílio para o conhecimento da existência e actividade do Homem em tempos recuados, é o que, sem deixar de se ter na devida conta a advertência de B. H. Slicher van Bath ⁽¹⁹⁾, nos revela precisamente uma série de artigos cujos resultados bem merecem a atenção dos pré-historiadores. É o caso de L. Armand Calliat que, num extenso trabalho ⁽²⁰⁾ publicado nas *Mémoires de la Société d'histoire et d'archéologie de Chalon-sur-Saône* XXX 1943 pp. 137-193, aproveita hábilmente para a elaboração da carta arqueológica do Chalonnais as indicações fornecidas pela respectiva toponímia, a começar pelas *Baume*, em relação quase sempre com cavernas pré-históricas, e pelas numerosas *Pierre*, motivadas em geral pela presença de menhires. Também P. Lebel ⁽²¹⁾, ao mesmo tempo

⁽¹⁹⁾ *Plaatsnaamkunde als historische bron (Nomina Geographica Neerlandica* XII 1948 pp. 97-103).

⁽²⁰⁾ *Indications toponymiques tirées des lieux-dits et notes de folklore.*

⁽²¹⁾ *Toponymie et histoire. La pénétration d'une forêt. Essai de méthode à propos de la forêt d'Auberive (Annales de Bourgogne* XV 1943 pp. 253-271).

bom linguista e arqueólogo, à falta de outros elementos para a história da penetração do bosque de Auberive, lança mão das indicações dos nomes de lugar, através de cuja análise conclui que os primeiros *défrichements* não são anteriores à época romana ⁽²²⁾, mostrando assim como as investigações toponímicas podem com efeito, às vezes, projectar alguma luz sobre o complexo problema do regime florestal durante os tempos pré- e proto-históricos.

É nesta faceta especial dos estudos toponímicos que, independentemente de trabalhos de orientação como *Ortsnamen als Geschichtsquelle* Heidelberg 1949, de H. Krahe, ou *Die Bedeutung der Ortsnamen für die Vorgeschichte* (*Deutscher Volkswart* t. II), de E. von Weens, se acham integrados os ensaios de W. Keinath *Über die Beziehungen der Flurnamen zur Vor- und Frühgeschichte* (*Festgabe für K. Bohnenberger* Tübingen 1938 pp. 282-323), V. E. V. Wessman *Om de förhistoriska borgnamnen i Sibbå socken med sidoblickar på det övriga Finland* Helsingfors 1941, V. Voionmaa *Uudenmaan lappalaiset. Muinaishistoriallinen paikannimitutkielma* (*Suomalaisen Tiedeakatemian esistelmät ja pöytäkirjat* 1943 pp. 73-90), H. Hardenberg *Limburgse plaatsnamen en hun betekenis voor het oudheidkundig bodemonderzoek* (*Publications de la Société historique et archéologique dans le Limbourg* LXXXIII 1947 pp. 207-236), F. Sidler *Vom Napfgold. Ein Beitrag zur Urgeschichte von Willisau* (*Heimatkunde des Wiggertales* X 1948 pp. 4-31), A. Vincent *Toponymie préhistorique* (*Bulletin de l'Académie Royale de Belgique* XXXV 1949 pp. 82-93), etc., para apenas citar alguns dos mais recentes.

Não deixa também de ser interessante, ainda sob este aspecto dos estudos linguísticos, a combinação dos elementos arqueológicos e toponímicos, à maneira do que faz M. Broëns em *Le peuplement de l'Albigeois des temps préhistoriques à l'époque féodale* Albi s. d. [1943], brochura em que o seu

(22) Efectivamente, é nos confins exteriores da floresta que se encontram os nomes pré-latinos.

autor, um arqueólogo, pretende reconstituir as diversas fases por que passou o povoamento do Albigeois, baseando-se, pelo que diz respeito propriamente à fase anterior à dominação romana, na localização das estações pré-históricas e na distribuição dos topónimos gauleses. E não é, acaso, através da toponímia celta em *-dunum* (*Beseldunum*, *Salardunum*, *Virodunum*) que P. Bosch Gimpera ⁽²³⁾ pretende, contra a opinião geral que os considera ilírios, identificar como célticos os povos da «cultura dos campos de urnas» do território catalão, alegando a impossibilidade da introdução de tais nomes ser posterior ao Hallstatt B de Reinecke?

Uma outra aplicação, e não das menos sugestivas, dos factos de natureza linguística, aplicação em que ultimamente se tem com êxito insistido ⁽²⁴⁾, está na sua utilização à luz do método comparativo como base de reconstituição da vida espiritual e moral dos povos antigos. Destas tentativas de reconstrução de «una civiltà preistorica precipuamente sulla base del linguaggio», constitui uma excelente amostra o artigo de V. Pisani *Aspetti della religione presso gli antichi Indeuropèi* (*Acme* I 1948 pp. 267-291) a que pertence a citação anterior (p. 268).

Mas como, na frase programática do Prof. O. Menghin ⁽²⁵⁾, «la identificación de un pueblo debe ser intentada tanto por medio de sus bienes culturales, como por su lengua y sus caracteres morfológicos, ya que un pueblo no es otra cosa que una comunidad de cultura, de lengua y de sangre» (p. 114), não hei-de terminar esta breve nota informativa sem primeiro aludir ao valor que, dada a indecisão dos caracteres etnográficos, tem para nós o estudo da língua como «criterio principal para fijar la perte-

⁽²³⁾ *Celtas e Ilírios* (*Zephyrus* II 1951 pp. 141-154).

⁽²⁴⁾ Cf. A. Juret *La méthode linguistique comparative appliquée à la détermination des survivances indo-européennes dans la religion des Romains, des Grecs et des Hindous* (*Mélanges* 1945. *V. Études linguistiques* Paris 1947 pp. 1-21).

⁽²⁵⁾ *Migrations Méditerranéennes. Origen de los Ligures, Iberos, Aquitanos y Vascos* (*Runa* I 1948 pp. 111-195).

nencia de una población a una raza» (26), isto apesar da dificuldade que encerra «il problema di identificare una corrente di civiltà con un popolo specifico e con la lingua di questo» (27) e salvaguardados, naturalmente, os erros de princípio derivados do facto de nem sempre se ter presente que «unità o affinità linguistica non presuppone affatto di necessità l'unità razziale, etnica e culturale dei parlanti» (V. Pisani *Aspetti* p. 268).

Assim P. Fouché (28), uma vez dissociado lingüisticamente o vasco nos seus elementos formativos, (magdalenense, altaico, caucásico e camítico), tentou mediante o apoio simultâneo da Arqueologia pré-histórica determinar etnicamente a sua procedência, chegando a uma primeira conclusão de que a um fundo autóctone, de tradição magdalenense, constituído «[par] la langue anciennement parlée par les populations *franco-cantabriques*» (p. 29), se sobre pôs um elemento altaico devido à migração dos Braquicéfalos Alpinos nos fins do Neolítico. Quanto ao elemento caucásico, atribui-o P. Fouché «aux populations asianiques qui, par vagues successives et d'assez faible densité, ont pénétré dans la Péninsule dès l'Énéolithique», dando finalmente o elemento camítico por oriundo «des nombreuses migrations africaines qui se sont succédées sur le sol de la Péninsule depuis les époques les plus reculées» (p. 81).

Embora estes conceitos na sua totalidade já ninguém hoje os compartilhe (cf. R. Lafon *Les origines de la langue basque* Paris 1951 e, especialmente, A. Tovar *Estudios sobre las primitivas lenguas hispánicas* Buenos Aires 1949), a verdade é que nem por isso deixaram de contribuir para valorizar cientificamente a apreciação da língua vasca como meio de penetração nas épocas remotas que antecederam a indo-europeização do Ocidente, dada a circunstân-

(26) A. Tovar *Lingüística y Filología clásica* Madrid 1944 p. 121.

(27) P. Laviosa Zambotti *La formazione dei popoli dell'Europa antichissima* (Acme V 1952 pp. 573-587) p. 575.

(28) A *propos de l'origine du Basque* (Emerita suppl. ao t. V 1943).

cia de ser o vasco «la única lengua occidental que puede tener raíces en tiempos tan remotos» (29).

Ultimamente o Prof. O. Menghin, na importante monografia atrás citada em nota, estabelece novas e amplas conexões entre os argumentos linguísticos e os estudos relativos à Arqueologia pré-histórica, obtendo resultados verdadeiramente surpreendentes neste difícil capítulo da discriminação étnico-linguística da Península hispânica, sendo por isso mesmo tanto mais de lamentar que as suas construções assentem por vezes em doutrina linguística hoje em dia superada. Assim, por exemplo, no tocante ao clássico problema do vasco-iberismo, cuja aceitação parece estar na base de certas deduções do ilustre pré-historiador, desde 1946 que o Prof. A. Tovar (30) vem insistindo no facto de, uma vez lidas já com bastante segurança as inscrições ibéricas, só alguns escassos elementos lexicais se terem podido assinalar como comuns. Em face do que, natural é pois se imponha a conclusão de que estamos em presença de línguas estruturalmente diferentes, explicando-se as relações entre o vasco e o ibérico «por ser lenguas que vivieron en un ambiente afín, con ciertos elementos comunes y semejantes influencias», pois com efeito, enquanto o vasco «debe ser una lengua caucásica con elementos lexicales camíticos, [...] el ibero debe ser una lengua predominantemente camítica con elementos caucásicos» (A. Tovar *Problemas* p. 128), o que por outras palavras quere dizer que as deduções arqueológicas não podem prescindir do factor língua na atribuição etnológica dos povos pré-históricos.

Creio, em conclusão, que este conjunto de factos e ideias gerais é suficientemente revelador da vantagem que, não obstante a Pré-história e a Linguís-

(29) A. Tovar *Sobre los problemas del vasco y del ibérico (Cuadernos de Historia de España X 1949 pp. 124-138)* p. 130.

(30) *Las Inscripciones ibéricas y la lengua de los celtíberos (Boletín de la Real Academia Española XXV pp. 7-42)* pp. 38-42 e *Etimología de «vascos». Una explicación del sufijo -en (Boletín de la Real Sociedad Vascongada de Amigos del País II pp. 46-56)* pp. 51-56.

tica se servirem de termos e conceitos muito diferentes, há em cada uma destas fontes do conhecimento humano, dentro dos limites que lhe são próprios, se manter a par e utilizar reciprocamente os resultados das suas investigações. De resto, as sugestões determinadas por este mútuo conhecimento e penetração de resultados são a melhor garantia de que, em futuras investigações, não só as realidades da Arqueologia pré-histórica progressivamente hão-de vir a impor-se à consideração do linguista, mas também este, sem perder nunca de vista que relacionar factos linguísticos com dados arqueológicos é, *em princípio*, «instituer entre deux ordres de faits indépendants une connexion qui devient de plus en plus arbitraire, à mesure qu'on s'écarte davantage de l'époque historique» ⁽³¹⁾, está destinado a desempenhar um papel preponderante nas investigações da Pré-história, sendo já hoje possível começar a falar-se de uma nova ciência que, mediante sobretudo a etimologia e a toponímia, se propõe remontar a tempos muito antigos: a Pré-história linguística.

Arganil, Agosto de 1953.

⁽³¹⁾ M. Lejeune *La position du latin sur le domaine indo-européen* (*Mémorial des études latines* Paris 1943 pp. 7-31) p. 16.